

CONHECIMENTO É LIBERDADE: OS NEOLOGISMOS NO MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO

Melissa Rhênia Barbosa Espínola¹

Sidarta da Silva Matos²

Adrielle Ramos Alves³

Orientadora: Noelma Cristina Ferreira Dos Santos⁴

RESUMO

A presente pesquisa investigou o processo de formação de palavras, no âmbito do Movimento Feminista Brasileiro, tomando como base de fundamentação teórica os estudos de Gonçalves (2016) e Correia e Almeida (2012). Em vista disso, foram escolhidas 08 palavras para a análise, as quais foram agrupadas conforme os processos de sufixação, siglagem, cruzamento vocabular, e estrangeirismo. O objetivo geral da pesquisa é analisar o processo de criação e incorporação de novas palavras dentro da conjuntura do Movimento Feminista no Brasil. E como objetivos específicos: investigar as classes de palavras referentes aos neologismos encontrados e compreender os sentidos percebidos por esses novos vocábulos no Português Brasileiro pela militância feminista no Brasil. A metodologia da pesquisa foi qualitativa e descritiva com abordagem bibliográfica. A partir disso, foi possível compreender a relevância que o Movimento Feminista tem para criação e propagação de novos vocábulos, vez que é um movimento político universal que busca a igualdade de direitos entre todos.

Palavras-chave: Neologismos. Feminismo. Igualdade.

INTRODUÇÃO

A formação de palavras na Língua Portuguesa ocorre por meio do desenvolvimento de diversos processos, a exemplo da derivação pelo uso de afixos até a incorporação de vocábulos estrangeiros, seja por falta de sinônimos na nossa língua, seja pelo modo como são empregados nos mais variados contextos de uso.

Dessa maneira, os neologismos ou formações de palavras advêm das combinações e recombinações de morfemas, que decorrem da capacidade cognitiva humana para estabelecer comunicação. Logo, por intermédio da aplicação da característica de interação dialógica,

¹ Mestranda em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pós-Graduada em Direito Adm. e Gestão Pública pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP) e em Direito Constitucional Aplicado pelas Faculdades Legale. Advogada. Graduada do 3º Período de Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus VI – Monteiro-PB. Pesquisadora bolsista do Observatório de Femicídio da Paraíba – UEPB; melissa.espinola@hotmail.com;

² Graduando do 3º Período de Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus VI – Monteiro-PB. Bolsista do Pró-Enem 2020 pela disciplina de Filosofia da UEPB; sidartamatos@gmail.com

³ Graduanda do 3º Período de Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus VI – Monteiro-PB; adrieleralves@gmail.com;

⁴ Professora Dra. da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus VI – Monteiro-PB; professoranoelma@yahoo.com.br;

novos vocábulos vão sendo integrados e absorvidos pelo vocabulário, o que propicia o aperfeiçoamento da competência linguística dos falantes.

Nesse sentido, os processos de formação de palavras são influenciados por diferentes fatores, tais como a época, a cultura, os valores e circunstâncias sociais, bem como a política, a economia, as condições financeiras e o gênero dos interlocutores.

Tendo em vista que as palavras nascem, desenvolvem-se e ressignificam-se em conformidade com as situações e a esfera em que são utilizadas, a presente pesquisa propôs-se a examinar os processos por meio dos quais as palavras são criadas, incorporadas e empregadas no Português Brasileiro Contemporâneo. Nesse ínterim, tomamos como parâmetro as palavras usadas no contexto do Movimento Feminista no Brasil, uma vez que essa forma de manifestação política vem ganhando cada vez mais espaço e projeção para além dos seus espectros e lugares comuns de militância.

Nessa perspectiva, a presença do feminismo no cotidiano da sociedade faz crescer as discussões a respeito dele e de suas pautas, sendo um dos movimentos sociais que mais importa, traduz e adapta vocábulos. Dessa maneira, estabelecemos como problemática: Qual o tipo de novidade e de formação de neologismos encontrados no âmbito do Movimento Feminista no Brasil? A que classes de palavras pertencem esses neologismos de acordo com o contexto de utilização? Qual o sentido dos neologismos no contexto do Feminismo?

Para responder a esses questionamentos, estabelecemos como objetivo geral: analisar o processo de criação e incorporação de novas palavras dentro da conjuntura do Movimento Feminista no Brasil. E como objetivos específicos: investigar as classes de palavras referentes aos neologismos encontrados e compreender os sentidos percebidos por esses novos vocábulos no Português Brasileiro pela militância feminista no Brasil.

Nessa continuidade, a pesquisa se justifica em virtude da necessidade de existência de um estudo mais aprofundado a respeito do vocabulário feminista, visto que o movimento vem tomando grandes proporções na sociedade por causa de seus clamores por igualdade e inclusão, o que culmina na agregação de novos integrantes e, por conseguinte, na urgência de conhecimento e divulgação das palavras próprias do feminismo.

A seguir, descrevemos o procedimento metodológico adotado para a coleta e análise das palavras e, na seção posterior, apresentamos os processos de formação de palavras, suas atuais tendências, analisando os neologismos encontrados durante a pesquisa, a partir dos textos de Gonçalves (2016) e Correia e Almeida (2012), primordialmente, como uma maneira de esclarecer os conceitos dos vocábulos antes de partir para seu contexto de utilização.

METODOLOGIA

Quanto à abordagem, o estudo desenvolvido foi qualitativo, uma vez que se configura como um método de investigação científica que tem por base o caráter subjetivo do objeto analisado. Para Dalfovo *et al* (2008), a pesquisa qualitativa não pode ser traduzida em números. Logo, a presente pesquisa é qualitativa porque tem por objeto de estudo a investigação dos processos de formações de palavras no âmbito do Movimento Feminista Brasileiro, principalmente o que tange ao surgimento e contexto de utilização delas.

Com relação aos objetivos, este estudo é do tipo descritivo. Para Triviños (1987), a pesquisa é descritiva quando “exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar”. Ou seja, quando o pesquisador pretender descrever acontecimentos e fenômenos particulares a uma determinada realidade. Portanto, trata-se de um estudo descritivo porque buscou identificar e compreender quais são os fenômenos que originam os neologismos e de que modo a significação de determinada palavra diz muito sobre o ambiente em que é empregada.

Em relação aos procedimentos técnicos utilizados, a pesquisa é bibliográfica, posto que é realizada a partir do estudo de pesquisas anteriores e busca recolher o máximo de informações e dados para fundamentar a averiguação do tema. Nesse sentido, fez-se uso de materiais recolhidos de livros, periódicos e publicações em sites e revistas online, estabelecendo-se como base para fundamentação teórica as obras de Gonçalves (2016) e Correia e Almeida (2012).

Nessa perspectiva, o presente estudo procurou discorrer, por meio de uma análise de dados, sobre os processos de formação de palavras na Língua Portuguesa, bem como sobre a origem das palavras e significados das partes que a formam. As palavras utilizadas foram escolhidas pelo seu uso recorrente dentro do Movimento Feminista Brasileiro e sua importância como movimento político, social e globalizado, que luta por igualdade e vem ganhando cada vez mais adeptos.

As palavras analisadas foram levantadas no período entre agosto e novembro do ano de 2019, tal pesquisa foi realizada principalmente em sites como o “Papo de Homem” e “Coletivo Vermelhas”, jornais como “Folha PE”, redes sociais como o Twitter e Instagram, chegamos a recorrer até a própria constituição, representada pela lei do Femicídio “13.104/15”. Encontradas as palavras, conferimos exaustivamente em diversos dicionários como o Aurélio, Michaelis e Houaiss para a real confirmação de que estávamos nos deparando com neologismos.

Em vista disso, a análise de dados foi feita com base em Gonçalves (2016) e Correia e Almeida (2012). No início da pesquisa, fizemos o levantamento de um total de 13 palavras, formadas a partir de 05 processos diferentes. Entretanto, alguns desses vocábulos precisaram ser retirados devido à abordagem teórica, bem como ao número de palavras concernentes à quantidade de processos. Logo, a quantidade passou a ser de 08 palavras e 04 processos.

Além disso, em virtude da análise mais aprimorada dos dados e levando em consideração o arcabouço teórico que fomentou a pesquisa, decidimos reunir a Fundamentação Teórica com as Discussões e Resultados. Assim sendo, a próxima seção denominada “Principais processos de formação de palavras: o vocabulário no contexto do movimento feminista” apresenta os conceitos teóricos dos processos de formação de palavras, bem como a análise dos termos que compõem o *corpus* da pesquisa. Dessa forma, a próxima seção se divide nos seguintes subtópicos, cada qual relativo a um processo de formação de palavras, quais sejam: Sufixação, Siglagem, Cruzamento Vocabular e Estrangeirismos.

Ressalte-se que todas as palavras aqui estudadas foram retiradas de contextos reais de uso, portanto, após cada exemplo apresentado para a análise será indicada a fonte em nota de rodapé, com o respectivo link do endereço para o acesso.

PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: O VOCABULÁRIO NO CONTEXTO DO MOVIMENTO FEMINISTA

O neologismo é um fenômeno que consiste na criação de nova palavra na língua devido à necessidade de designar novos objetos, conceitos ou situações relacionadas a determinadas áreas, ou para dar um novo sentido a uma palavra já existente.

Dessa maneira, para entendermos como funciona o processo de formação de palavras, é preciso que nos questionemos como e por que surgem novas palavras em nosso vocabulário, e também quais são as situações em que são utilizadas mais recorrentemente. Segundo Gonçalves (2016, p.12), “aparecem palavras novas quando novos fenômenos ocorrem ou quando surge um conceito diferente ou, ainda, um objeto é inventado. Assim, temos a necessidade de nomeá-los para referirmos a eles”. Logo, podemos compreender que esse processo é percebido como algo multifatorial, uma vez que existem diversos cenários em que se originam novas palavras. Ademais, também deve ser levado em consideração que a língua é tida como um organismo vivo, que está em constante transformação e adaptação ao meio.

Nessa continuidade, o mesmo autor identifica outro modo por meio do qual novas palavras nascem, é a função de adequação categorial. Em razão desse processo, a palavra

sofre mudanças em sua categoria, o que se dá pelo acréscimo de afixos. Ou seja, ao adicionar afixos a determinada palavra, ela muda e passa a integrar uma nova classe. Como exemplo, Gonçalves (2016) cita a palavra “deletar” é um verbo e pode ser usado como um adjetivo pelo acréscimo do sufixo –ado, em “arquivo deletado”, por exemplo. Para o autor, os valores do verbo deixam de ser necessários, fazendo com que o seu uso também desempenhe importante papel em nível de texto/discurso. (GONÇALVES, 2016, p.15)

O terceiro motivo que justifica a criação de palavras é a função textual, que se distancia das outras funções em razão de algumas características, como a possibilidade de ocultamento do sujeito, a adequação a tipos de discurso, a factividade e as retomadas anafóricas e catafóricas. Em outras palavras, a função textual pode ser também compreendida como uma adaptação ao espaço textual por seus critérios que facilitam a conexão entre diversos tipos de discursos e textos. Gonçalves (2016) finaliza constatando que a ideia da função textual está ligada à visualização do sujeito e a função que este desempenha dentro do texto.

Dando prosseguimento, Gonçalves (2016) menciona a função atitudinal que ocorre em determinadas condições de fala, quando a subjetividade do falante extrapola o limite estipulado e o processo morfológico passa a ter marcas próprias dos falantes, podendo até criar novas palavras. Assim, o autor assevera que “o emissor pode externar seu ponto de vista através do uso de determinadas marcas morfológicas, o que justifica afirmar que o significado pode se alterar pragmaticamente (em função do contexto ou da interação linguística)”. (GONÇALVES, 2016, p.21)

Nesse sentido, Gonçalves (2016) constata a presença de outra tendência na formação de palavras: a função indexical. Esse processo possui características comuns à função atitudinal, como a subjetividade e o gênero do falante. O autor apresenta como exemplo o fato de que os “Homens tendem a optar por estratégias sintáticas de intensificação (“muito forte”, “forte, pacas”) ou prefixos intensivos (“superforte”), evitando o uso de –íssimo, –ésimo e –érrimo por perceber neles forte associação com a fala feminina”. (GONÇALVES, 2011 apud GONÇALVES, 2016, p.26).

Vale lembrar que o vocabulário e “[...] determinadas estratégias podem funcionar como uma espécie de ‘sistema de sinalização’, revelando o perfil sociolinguístico do usuário”. (GONÇALVES, 2011 apud GONÇALVES, 2016, p.26). Isso se aplica de forma muito clara no contexto aqui considerado, tendo em vista que os neologismos criados no âmbito do Movimento feminista são representativos desse grupo e podem traçar o perfil dos

usuários, contribuindo, inclusive, para a identificação de adeptos ou de críticos do movimento.

Para o referido autor, esses são alguns dos motivos pelos quais são criadas novas palavras, mas a formação destas abarca numerosos processos que variam conforme a conjuntura na qual são incorporadas, o modo e a intenção do falante. A presente pesquisa analisa os neologismos contidos no movimento Feminista Brasileiro, tratando do processo de formação de palavras, os seus surgimentos, significações e contextos de uso.

À vista disso, esse estudo não tem a pretensão de esgotar as diferentes maneiras de perceber os processos de formação de palavras no Português Brasileiro, por isso nos deteremos apenas à exploração e compreensão dos seguintes fenômenos: sufixação, siglagem, cruzamento vocabular, e estrangeirismos, tendo em vista que esses foram os processos de formação de palavras mais encontrados durante a pesquisa.

A separação de palavras por categorias de formação segue o ideal de Gonçalves (2016) e Correia e Almeida (2012). Todas as palavras apresentadas, como neologismos, foram pesquisadas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP, 2009), bem como nas últimas edições dos dicionários Aurélio (2019), Michaellis (2019) e Houaiss (2001).

SUFIXAÇÃO

Segundo Correia e Almeida (2012, p.38), a derivação é “aparentemente o processo mais disponível para a construção de palavras, não apenas na Língua Portuguesa, como nas línguas românicas”. As autoras afirmam, ainda, que a derivação afixal é “a mais típica de todas” e que este processo é binário, ou seja, cada processo derivacional comporta tão somente uma base ou radical e um afixo (prefixo ou sufixo) por vez. Em resumo, pode-se definir a importância e função dos afixos consoante a elucidação abaixo:

Os afixos derivacionais são portadores de uma instrução categorial e semântica que lhes permite, em conjunto com a informação da base e com a informação da regra a que pertencem, determinar a categoria do derivado, construir o seu significado e em muitos casos delimitar a sua capacidade referencial, isto é, as classes de entidades extralinguísticas que é capaz de dominar. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.41)

Dessa forma, os afixos são morfemas lexicais anexados ao radical com o intuito de formar novas palavras, conceder-lhes um novo sentido, mudando suas classes gramaticais ou acrescentando-lhes um novo entendimento. De acordo com Gonçalves (2016), as derivações

podem ocorrer através do acréscimo de: prefixos, sufixos e infixos. Ressalte-se, pois, que o presente trabalho busca apenas delinear os conceitos referentes ao processo de derivação por sufixação por uma questão de coerência na análise metodológica.

A derivação por meio de sufixos ou sufixação decorre da adição de morfemas ao final das palavras para que estas integrem semânticas diferentes no que concerne à sua significação em determinado contexto. Isto é, a união do sufixo com o radical é responsável pela produção de novas palavras, denominadas palavras derivadas.

Ademais, os sufixos podem ser classificados como nominais, verbais e adverbiais. Por conseguinte, os sufixos nominais são aqueles que dão origem a um substantivo ou adjetivo, os verbais suscitam o surgimento de verbos, e os adverbiais culminam na formação de advérbios. Logo, resta claro que os sufixos têm a capacidade de modificar não só o sentido da palavra, mas também sua categoria, possibilitando variadas formas de concepção de um mesmo vocábulo.

Dessa forma, para o processo de formação de palavras por meio da sufixação foram analisados os seguintes vocábulos: femismo e interseccionalidade.

A palavra Femismo é proveniente do aditamento do sufixo –ismo ao vocábulo “fêmea” (fêmea + ismo = femismo). O sufixo –ismo tem origem na língua grega e é responsável por formar diversos tipos de palavras no Português Brasileiro atribuindo-lhes características de ação. Já o vocábulo “fêmea” vem do latim *femina* e diz respeito a qualquer animal do sexo feminino (AURÉLIO, 2019).

Dessa forma, a palavra “femismo” tem o sentido literal do agir feminino, mas no contexto do Movimento Feminista apresenta um significado mais abrangente. Tomando como exemplo a seguinte frase: “Tem uma galera confundindo feminismo com femismo e isso precisa ser esclarecido de vez”⁵, entendemos que o vocábulo “femismo” tem muito mais a ver com uma corrente ideológica, que se apresenta contrária ao machismo, mas com a mesma dinâmica de imposição de um gênero sobre outro.

Desse modo, o conceito de femismo é diferente do conceito de feminismo, pois o primeiro está relacionado à ideia de que as mulheres são superiores aos homens e praticam para com eles ações humilhantes, preconceituosas e opressivas. Esse termo é usado para se referir a pessoas que desejam a instituição de um regime social que marginaliza a figura do homem. Enquanto o feminismo está relacionado à luta pela igualdade.

⁵ PUREBREAK. Tem uma galera confundindo feminismo com femismo e isso precisa ser esclarecido de vez. Site Terra. Publicado em 28 abr 2019. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/diversao/purebreak/tem-uma-galera-confundindo-feminismo-com-femismo-e-isso-precisa-ser-esclarecido-de-vez,16a3f38c49552c692f1e13b8877f98e6w7nsyfd.html>>.

Segundo Paula (2019), o femismo é considerado como o oposto de machismo, ao mesmo tempo em que é seu sinônimo, posto que prega uma ideologia de superioridade definida pela hierarquia de gênero. O Machismo refere-se à repressão e repúdio aos movimentos sociais que objetivam a igualdade de direitos entre homens e mulheres, enquanto o femismo propaga a concepção da supremacia das mulheres sobre os homens.

A palavra femismo foi criada pelas feministas com o intuito de mostrar que o machismo não é o contrário do feminismo, uma vez que o Feminismo é um movimento político e social criado e difundido por mulheres que buscam conquistar a equidade de direitos entre homens e mulheres. Não deve, pois, haver confusão entre femismo e feminismo, pois estes possuem sentidos completamente distintos.

Dando continuidade à análise, a palavra “interseccionalidade” é formada pela adição do sufixo –dade ao vocábulo “interseccional” (interseccional + dade = interseccionalidade). O vocábulo “interseccional” é um adjetivo de dois gêneros relativo ao conceito de intersecção, enquanto o sufixo –dade diz respeito a qualidades, características e ideia de ação realizada. Assim, a significação de interseccionalidade é concernente à reunião de linhas de pesquisas variadas sobre um determinado tema.

Para Souza (2019), a interseccionalidade pode ser entendida como “uma categoria teórica que focaliza múltiplos sistemas de opressão, em particular, articulando raça, gênero e classe”. Assim, a interseccionalidade é um mecanismo sociológico de pesquisa acadêmica que visa pensar a indissolubilidade estrutural do racismo, capitalismo e patriarcado.

Importante salientar que o termo “interseccionalidade” foi cunhado pela jurista estadunidense e professora de teoria crítica de raça Kimberlé Crenshaw, na esfera das leis de discriminação (AKOTIRENE, 2018 apud BATISTA, 2018). Nessa perspectiva, Akotirene (2018) afirma que a interseccionalidade

[...] demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras (AKOTIRENE, 2018, p.54).

Ainda segundo a autora, a expressão vem sofrendo esvaziamento de sentido, vez que muito se discute acerca do feminismo interseccional, mas o paradigma afrocêntrico nem sempre é observado, deixando de lado contribuições epistemológicas das feministas negras. Logo, a interseccionalidade como forma de dar voz e visibilidade aos que lutam contra circunstâncias que aprisionam para além do gênero devem levantar suas bandeiras com

observância dos “contornos identitários da luta antirracista dispórica” (AKOTIRENE, 2018, p.56).

Assim, é um exemplo da utilização do referido vocábulo a seguinte frase “Para falar sobre feminismo, é necessário que se coloque em prática a interseccionalidade”. Em vista disso, a Interseccionalidade dentro do Movimento Feminista visa que todas as pessoas deveriam ser incluídas no movimento, qualquer que seja o seu gênero, raça ou classe, pois tem como objetivo não só construir uma ponte entre a diversidade de correntes feministas, mas também propor um diálogo em que as reivindicações de todas sejam ouvidas e colocadas em pauta.

Por todo o exposto, restam claras a presença bem como a relevância do processo de sufixação da Língua Portuguesa que ultrapassa as fronteiras acadêmicas, ao passo que garante aos movimentos políticos e sociais a criação e aplicação de novas palavras intrinsecamente próprias e traduzidas nos e por estes. Isto posto, prosseguiremos com a investigação dos processos de formação de palavras.

SIGLAGEM

A Siglagem, derivação siglada ou siglonimização é um processo não-concatenativo de formação de palavras. Os processos não-concatenativos se caracterizam por apresentarem uma sucessão não-linear de encadeamento dos elementos morfológicos, pois podem ocorrer rompimentos causados por reduções ou fusões de maneira que “uma informação morfológica não necessariamente se inicia no ponto em que outra termina”. (GONÇALVES, 2016, p.68)

Dessa forma, a formação de palavras por meio da Siglagem ocorre a partir da individualização de grafemas, sílabas ou fragmentos de palavras ou bases da língua portuguesa. O processo de Siglagem compreende os acrônimos e os alfabetismos. Nas palavras de Gonçalves (2016),

Os primeiros são siglas cuja combinação de letras possibilita pronunciar a nova forma como palavras comum da língua, a exemplo da recente UPA (Unidade de Pronto Atendimento), realizada como [u.pa], em sequência de letras segue os padrões fonotáticos do português. Alfabetismos, ao contrário, são siglas produzidas de forma soletrada, como UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), realizada como [u.pe.'pe]. (GONÇALVES, 2016, p.73)

Dessa forma, os alfabetismos surgem por meio da criação de siglas por meio da leitura soletrada de cada inicial que constitui a expressão, como por exemplo: UFPB (Universidade

Federal da Paraíba), pronunciada como [u.efe.pe'.be']. Enquanto isso, os acrônimos nascem a partir da combinação das letras que iniciam cada palavra dos segmentos sucessivos de uma locução, ou pela maioria dessas partes, ou seja, referem-se às palavras criadas por meio de siglas, cuja estrutura morfológica e fonética lhes permitem fazer a leitura delas como uma palavra comum da Língua Portuguesa. Como exemplo, podemos citar: ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações).

Nesse compasso, a presente pesquisa utiliza como objeto de investigação no que tange ao processo de Siglagem a palavra: “NB”(e'. ne'.be'), proveniente da palavra composta “não-binário”, que vem ganhando destaque no movimento feminista da atualidade e tem relação com a classificação segundo a ideia de gênero e sexualidade, conceitos referentes a construções sociais e fatores biológicos, respectivamente.

Na sigla NB, o termo “binário” corresponde à ideia de que no sistema patriarcal, baseado na biologia, existem apenas dois gêneros: homem e mulher. No entanto, com a ampliação das discussões feministas sobre gênero, a não-binariedade ganhou mais espaço e passou a ser mais difundida socialmente; assim, pessoas que não se sentiam representadas por nenhum dos dois gêneros passaram a se apresentar como não-binários, ou, simplesmente, NB.

Apesar de ser um fenômeno considerado recente, o NB existe no Oriente há séculos, com ênfase na Indonésia, onde existem cinco tipos diferentes de gêneros. Contudo, consolidou-se como uma teoria científica e fundamentada a partir dos estudos de gênero feitos por Judith Butler, na época de 1980, e da publicação de sua Teoria *Queer*, que propôs a existência dos gêneros para além da binariedade conhecida, vez que os gêneros são construções sociais e, portanto, podem ser desconstruídos (SILVESTRE, 2019).

Para explicar melhor o sentido e o emprego dessa sigla, tomemos como exemplo a seguinte frase: “Eu infelizmente já vi rad da vida assim. E ela era da minha sala da faculdade e andava com várias amigadas que eu tinha. E não satisfeito em fazer piadas transfóbicas com pessoas nb (mesmo falando que era ally da comunidade trans)”⁶. Nesse sentido, compreende-se que os indivíduos NB ainda sofrem com o senso comum no que diz respeito às identidades de gênero, uma vez que a inserção do vocábulo “não” antes da palavra “binariedade” culmina na negação das funções atribuídas a cada gênero, profundamente relacionadas ao sexo biológico de nascimento, e isso provoca estranhamento por romper com o padrão de binariedade pré-estabelecido.

⁶ EROS, Luá. “Eu infelizmente já vi rad da vida assim. E ela era da minha sala da faculdade e andava com várias amigadas que eu tinha. E não satisfeita em fazer piadas transfóbicas com pessoas nb (mesmo falando que era ally da comunidade trans) ainda me agarrou na festa do nosso curso”. 25 nov. 2019. 12:08 PM. Tweet.

Portanto, o neologismo “NB” é também uma forma de autoafirmação, posto que possibilita a inserção de outras palavras decorrentes dos movimentos sociais, bem como estimula o pensar em uma gramática para além das normas de gênero. Dito isto, passemos a investigar o próximo processo de formação de palavras, qual seja: cruzamento vocabular.

CRUZAMENTO VOCABULAR

No que diz respeito à formação por cruzamento vocabular, esse também é um processo não-concatenativo de fusão de palavras, isto é, novas palavras se formam a partir da junção de duas outras. Segundo Gonçalves (2016), o cruzamento vocabular decorre da união de fragmentos de palavras, mas que diferem da composição por não apresentarem morfemas plenos na constituição de suas palavras. Gonçalves (2016) e Correia e Almeida (2012) mencionam a existência de três grupos na formação de cruzamentos vocabulares: o entranhamento lexical, a combinação truncada e a substituição lexical.

O entranhamento lexical configura-se como a união de dois vocábulos pelo compartilhamento de material fônico semelhante entre eles, quanto maior a semelhança fonológica entre as palavras, maior será a quantidade de uma parte do vocábulo contida “dentro” da outra. Já a combinação truncada refere-se à união de uma palavra componente truncada (encurtada) com outra igualmente truncada ou não. A substituição lexical nada mais é do que uma parte de uma palavra é considerada como base, por ter semelhança com algum vocábulo livre da língua, e esta parte é substituída por outra palavra tida como “invasora”.

Visto isso, usamos como objetos de análise as seguintes palavras constituídas por cruzamento vocabular: “feminazi” e “femicídio”. O termo “feminazi” é formado pela união de “feminista” com “nazista” e remete a uma associação de palavras de maneira pejorativa e tem por intuito minar a respeitabilidade das pautas do Movimento Feminista.

De acordo com a Universidade Livre Feminista (2014), o termo “feminista” apareceu pela primeira vez, em 1972, para reprovar a conduta dos homens que apoiavam as causas que lutavam pela igualdade de direitos. Somente no final do século XIX, o feminismo ganhou um significado positivo, dado pelas sufragistas, que engloba a igualdade, a união, a justiça social e a organização do poder feminino.

Por outro lado, a palavra “nazista” tem origem alemã e remete aos seguidores da Ideologia Nazista, propagada por Adolf Hitler durante a Segunda Guerra Mundial. O nazismo pregava a pureza da raça alemã, a eliminação literal daquilo que fosse diferente, fato que culminou na morte de milhares de pessoas.

Nesse ínterim, o vocábulo “feminazi” é completamente antifeminista, seu surgimento data dos anos 90, e é altamente criticado por não representar de modo algum a essência das discussões de gênero. Além disso, não faria nenhum sentido lutar por igualdade e liberdade e propagar ódio aos diferentes. Saliente-se que o termo é, geralmente, usado para atacar diretamente os discursos feministas radicais.

Em um contexto prático, tomemos como exemplo:

“Me prende, feminazi”, escreveu Assunção. A publicação foi apagada por volta das 20h dessa sexta-feira (25/10/2019) “Ensinando às nossas filhas o verdadeiro empoderamento! NUNCA SERÁ FEMINAZI! #bolsonaro #brasil #direita #bolsonaropresidente #jairbolsonaro #sergiomoro #psl #politica[...]” escreveu na legenda.⁷

Nota-se que o emprego do termo, em comento, faz piada com o Movimento Feminista, pois chamar uma feminista de nazista é associar um movimento social que luta por direitos equânimes a um movimento terrorista que destruiu milhares de vidas.

Em contrapartida, a palavra “feminicídio” é construída pelos termos “feminino” e “homicídio”, é compreendida como o assassinato de mulheres em razão da sua condição de gênero e tem previsão legal no inciso VI, §2º, do art. 121 do Código Penal Brasileiro. Essa qualificadora foi acrescida recentemente pela Lei nº 13.104/2015 e significou uma grande conquista para o Feminismo no sentido de criminalizar as condutas de violência de gênero.

Com o objetivo de demonstrar a aplicação da palavra, tomemos como exemplo o trecho a seguir: “Relembre casos de feminicídio que chocaram o país nos últimos meses”.⁸ Compreende-se, pois, que a criação do termo feminicídio buscou normatizar uma conduta criminosa que já era realidade, ao mesmo tempo em que estabeleceu uma punição mais severa para os agentes desse crime.

É imprescindível salientar, ainda, que “feminicídio” difere de “femicídio”, como podemos entender pela explicação do portal Notícias Goiás:

Feminicídio significa praticar homicídio contra mulher por “razões da condição de sexo feminino”, simplesmente por ser mulher, por desprezo, preconceito e afins. Femicídio significa praticar homicídio contra mulher

⁷ METÓPOLES, Redação. Deputado publica foto de criança com arma: “Nunca será feminazi”. Jornal Metrôpoles. Publicado em 29 out. 2019. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/deputado-publica-foto-de-crianca-com-arma-nunca-sera-feminazi>>.

⁸ CROQUER, Gabriel. Relembre casos de feminicídio que chocaram o país nos últimos meses. R7 Notícias. Publicado em 30 set. 2019. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/fotos/relembre-casos-de-feminicidio-que-chocaram-o-pais-nos-ultimos-meses-30092019#!/foto/1>>.

(matar mulher) é a morte de indivíduos do sexo feminino, de modo genérico.⁹

Conforme se demonstra, o Femicídio diz respeito ao assassinato de mulheres motivado pelo ódio e aversão a tudo que é feminino, e que ocorre, principalmente, em ambientes domésticos. Enquanto o femicídio é simplesmente a morte de mulheres, sem nenhuma justificativa socialmente designada.

ESTRANGEIRISMOS

Os estrangeirismos são um movimento natural de incorporação de palavras estrangeiras à Língua Portuguesa. “O estrangeirismo denota uma unidade importada de outra língua que não sofreu quaisquer adaptações à língua de chegada [...]” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.71).

Logo, os estrangeirismos são uma espécie de empréstimo de palavras de outra língua para ampliação do léxico da Língua Portuguesa. À vista disso, palavras estrangeiras são incorporadas a nossa comunidade linguística em virtude do surgimento de novos objetos e ideias que ainda não possuem aceção da Língua Portuguesa.

Nesse aspecto, percebemos, durante a pesquisa, que o Movimento Feminista no Brasil importou muitos termos e expressões para denominar ações e conceitos que não possuíam correspondentes na Língua Portuguesa e que já eram amplamente utilizadas na Língua Inglesa, levando em conta também que o Inglês tem sido considerado o idioma da globalização. Dessa forma, a maior parte das palavras do Movimento Feminista Brasileiro é importada e tem sotaque estadunidense.

Destarte, para conceder mais eficiência e praticidade ao estudo, foram eleitas como objeto de análise nos estrangeirismos quatro palavras da Língua Inglesa incorporadas pelo Movimento Feminista do Brasil e mais comumente empregadas nas discussões sobre o papel da mulher na sociedade, são estas: *mansplaining*, *maninterrupting*, *gaslighting* e *slutshaming*.

O termo *mansplaining* é uma junção de *man* (homem) com *explaining* (explicar), na tradução literal seria “homem explicando”, mas, para o Feminismo, a expressão não se restringe a isso. O *mansplaining* configura-se como a ação de um homem explicar uma mulher algo que é notoriamente óbvio para ela, desmerecendo o seu conhecimento sobre

⁹ AYRES, Lorena. FEMINICÍDIO X FEMICÍDIO. Notícias Goiás. Publicado em 24 ag. 2019. Disponível em: <<http://noticiasgoias.com.br/noticia/titulo?titulo=femicidio-x-femicidio&id=1035>>.

determinado assunto. A popularização do termo é atribuída à escritora estadunidense Rebecca Solnit, que usou a palavra pela primeira vez no livro “Os Homens explicam tudo para mim” (SOLNIT, 2008).

Para melhor esclarecer o contexto de utilização, observemos o seguinte trecho: “Neurocientista é alvo de *mansplaining* citando artigo que ela mesma escreveu. Enquanto palestrava, a especialista foi interrompida por homem que sugeriu a leitura de um estudo sobre assunto – que ela mesma tinha escrito”¹⁰. Como se pode depreender do exemplo, o *mansplaining* tem como objetivo desmoralizar o conhecimento da mulher, considerando as mulheres intelectualmente inferiores aos homens em função dos papéis de gênero pré-estabelecidos, que afastavam as mulheres do meio científico. Entretanto, essa perspectiva mudou e as mulheres estão dominando cada vez mais temas, além dos que já internalizaram por meio do seu conhecimento de mundo, e não há necessidade de que os homens expliquem aquilo que elas já sabem.

O *manterrupting* é formado pela união dos termos *Man* (Homem) e *Interrupt* (Interromper), sua tradução literal seria algo como “homem interrompendo”. Nesse caso, há a exclusão do prefixo inglês [in] para anexação do *man*. A expressão foi criada para denominar o ato de os homens interromperem constantemente a fala das mulheres de maneira desnecessária, impossibilitando que elas concluam seu raciocínio. O termo ganhou popularidade após uma pesquisa feita pela Universidade de Yale, nos Estados Unidos, em que foi comprovado que as senadoras se pronunciavam bem menos que seus colegas homens por serem sempre interrompidas quando tentavam falar.

Dessa maneira, a palavra pode ser empregada da seguinte forma: “*Manterrupting*: a prática sexista de interromper uma mulher enquanto ela está falando”.¹¹ Em vista disso, percebe-se que o *manterrupting* não só é uma prática real, mas muito recorrente em espaços tipicamente dominados por figuras do sexo masculino. Para o Movimento Feminista, o homem que age com *manterrupting* tem a intenção clara de agir para impossibilitar que a mulher conclua sua fala, porque ele não acredita que o que ela está falando seja importante.

Essa prática é muito comum em reuniões, palestras e tomadas de decisões que tenham no ambiente a presença de homens e mulheres e deve ser erradicada porque manifesta

¹⁰ GALILEU, Redação. Neurocientista é alvo de mansplaining citando artigo que ela mesma escreveu. Revista Galileu – O Globo. Publicado em 05 nov. 2019. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/11/neurocientista-e-alvo-de-mansplaining-citando-artigo-que-ela-mesma-escreveu.html>>.

¹¹ MONTESANTI, Beatriz. ‘Manterrupting’: a prática sexista de interromper uma mulher quando ela está falando. Nexo Jornal. Publicado em 18 set. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/09/28/%E2%80%98Manterrupting%E2%80%99-a-pr%C3%A1tica-sexista-de-interromper-uma-mulher-quando-ela-est%C3%A1-falando>>.

descaradamente a ideia machista de que as mulheres são vazias de conteúdo e por causa disso não deveriam nem abrir a boca.

O *slut-shaming* é uma expressão proveniente da Língua Inglesa, na qual os termos *Slut* (vadia, cadela, vagabunda) e *Shaming* (vergonha) são unidos em sua só palavra, sua tradução literal é algo como “envergonhar uma mulher por ser prostituta”. O seu significado faz referência ao policiamento da sexualidade feminina pela sociedade. Assim sendo, *slut-shaming* é o nome que se dá à culpabilização e constrangimento da mulher por exercer sua sexualidade em desacordo com as normas vinculadas ao seu gênero, esse vocábulo ganhou força graças a manifestações como a Marcha da Vadias (MELISSA, 2015).

Como exemplo, tomemos para análise o seguinte trecho:

As demonstrações de *slut shaming* são bastante abrangentes: quantas vezes ouvimos que a roupa de uma mulher é curta demais ou seu comportamento é atrevido? Há uma enorme variedade de insultos proferidos contra as mulheres, desde os mais pudicos, como “oferecida”, aos mais agressivos, como ‘vadia’ ou ‘puta’. A sexualidade feminina e sua expressão são constantemente podadas, julgadas e restringidas.¹²

Desse modo, o *slut-shaming* é uma maneira de se referir, depreciativamente, às mulheres em relação à sua sexualidade. Segundo o Movimento Feminista, essa é uma prática comum e internalizada na sociedade machista e patriarcal, que culpabiliza as mulheres pelo fato de simplesmente existirem, pois, uma reação dessa não ocorreria se os homens fossem as vítimas.

Por fim, o *gaslighting* é um termo derivado da palavra inglesa *Gaslight* (luz produzida pelo candeeiro a gás) e seu significado faz referência ao filme *Gaslight*, de 1944, dirigido por George Cukor e estrelado por Ingrid Bergman. Na trama, o marido da personagem de Bergman, interpretado por Charles Boyer, programa os candeeiros da casa para desligarem-se em determinada hora, não avisando a sua esposa, com o objetivo de tomar sua fortuna sob a alegação de que ela estava ficando louca, vendo coisas que não existem. (ALI, 2013)

Nessa continuidade, no seguimento “Ele me fez pensar que eu estava enlouquecendo, mas, eu era vítima de *gaslighting*”, pode-se deduzir que essa prática é uma espécie de violência psicológica praticada contra a mulher por seu companheiro, que a faz perder sua confiança e autoestima, passando a ser dependente de seu parceiro que manipula o jeito com

¹² FEMINISTAS, Blogueiras. Cultura do Estupro e Slut Shaming. Blog Blogueiras Feministas. Publicado em 26 out. 2012. Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2012/10/26/cultura-do-estupro-e-slut-shaming/>>.

que ela enxerga o mundo. Na maioria das vezes, a vítima não tem consciência daquilo que está passando, pois se trata de uma violência sutil, de difícil comprovação.

O assédio praticado pelo *gaslighting* é forma de violência simbólica, indireta, repetitiva e quase imperceptível a olho nu. É um tipo de agressão perversa e invisível, que demora anos para ser extirpada da vítima, que deve procurar um tratamento psicológico. Para Gripp (2018), algumas frases são típicas do *gaslighting* como: “você está exagerando”; “pare de surtar”; “não aceita nem uma brincadeira?”; “você está louca”; “você não sabe o que fala”.

Segundo Ali (2013), as mulheres são mais facilmente manipuladas porque a sociedade as impôs esse fardo covarde. Nesse sentido, o Movimento Feminista tem como objetivo acabar essa prática ao fazer as mulheres perceberem que são vítimas e que as circunstâncias pelas quais passam não são normais e elas não estão ficando loucas, estão sendo violentadas psicologicamente.

Diante de todo o exposto, podemos perceber a importância do esclarecimento das palavras estrangeiras e seu contexto de utilização, posto que muitas mulheres vítimas dessas práticas não têm acesso ou conhecimento relativo à aprendizagem da Língua Inglesa. O machismo atinge todas as mulheres, logo, todas têm o direito de compreenderem e nomearem a violência que estão sofrendo.

Além disso, pode-se perceber também que essas práticas ocorrem muitas vezes de forma combinada e que a popularização desses termos levou à incorporação das palavras à nossa língua, visto que o Movimento Feminista apareceu de maneira tardia no país e, por causa disso, também se aproveitou de expressões e ideias que já existiam em outros idiomas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como escopo a criação de neologismos na Língua Portuguesa na esfera institucional correspondente ao Movimento Feminista no Brasil. Para isso, estabelecemos, com base em Gonçalves (2016) e Correia e Almeida (2012), quatro tipos de processos de formação de palavras, sendo estes: sufixação, siglagem, cruzamento vocabular, e estrangeirismo.

Em vista disso, a análise de dados foi feita com base nesses processos e englobou 08 palavras ao todo: femismo, NB, feminazi, feminicídio, *mansplaining*, *maninterrupting*, *gaslighting* e *slutshaming*, elencados, respectivamente, conforme aos fenômenos que lhes deram origem.

As palavras escolhidas foram pesquisadas no período entre agosto e novembro no ano de 2019, o levantamento foi feito a partir de sites como: “Justificando”, portais de notícias como o “Notícias Goiás”, artigos acadêmicos por meio da plataforma “SciELO”, o Código Penal Brasileiro também está presente como local de nossas pesquisas, Jornais como o Estadão de São Paulo. E até mesmo em locais nos quais a linguagem é tida como mais informal, como a rede as sociais Twitter e Instagram.

Nesse sentido, pudemos perceber que o Movimento Feminista Brasileiro faz uso de muitas palavras da Língua Inglesa para se referir a ações e condutas que ainda não estão categorizadas no nosso dicionário, isso ocorre porque o feminismo é universal e globalizado e a maior parte das pesquisas é atribuída a pesquisadoras feministas estrangeiras, que cunham e popularizam seus conceitos, logicamente, em Inglês. Enquanto outras palavras são criadas a partir da fragmentação de vocábulos e/ou a combinação dessas diferentes partes.

Depois de todo o exposto, concluímos que a atuação do Movimento Feminista Brasileiro contribuiu para a criação de novas palavras por meio de uma diversidade de processos, que envolvem fragmentação, encurtamento e combinação. Além, é claro, da incorporação de palavras importadas ao nosso léxico, que nos permite discutir temas relevantes para o feminismo no mundo, bem como nomear situações e condutas, com o intuito de conhecê-las e reprimi-las.

Portanto, é indubitável que para os vocábulos serem conhecidos e adquirirem sentido em determinado cotidiano e situação de fala, eles não precisam estar dicionarizados. A forma como mudamos a língua faz dela um organismo vivo e em constante transformação. Entender o modo como ocorrem os fenômenos que criam as palavras é também descobrir os mecanismos que movem a sociedade através da comunicação.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018.

ALI, Yashar. Por que as mulheres não estão loucas. Papo de homem. Publicado em 18 ago. 2013. Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/porque-as-mulheres-nao-estao-loucas/>>. Acesso em 27 out. 2019.

AYRES, Lorena. FEMINICÍDIO X FEMICÍDIO. Notícias Goiás. Publicado em 24 ag, 2019. Disponível em: <<http://noticiasgoias.com.br/noticia/titulo?titulo=feminic-dio-x-femic-dio&id=1035>>. Acesso em 08 set. 2020.

BATISTA, Carla. O que é interseccionalidade? Folha de Pernambuco. Publicado em 07 set. 2018. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/mulheres-em-movimento/2018/09/07/NWS,80564,70,1055,NOTICIAS,2190-O-QUE-INTERSECCIONALIDADE.aspx>>. Acesso em 27 nov. 2019.

BRASIL. Lei 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm>. Acesso em 27 nov. 2019.

_____. Decreto-lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal Brasileiro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>. Acesso em 23 de ag. de 2020.

CORREIA, Margarita. ALMEIDA, Gladis Maria de Barcelos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial. 2012.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos**: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

DICIO, Dicionário online de Português. Aurélio. 2019. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

FEMINISTA, Universidade Livre. Origem da palavra feminismo. Blog Universidade Livre Feminista. Publicado em 20 out. 2014. Disponível em: <<https://feminismo.org.br/origem-da-palavra-feminismo/3302/>>. Acesso em 26 nov. 2019.

GRIPP, Annelise. *Gaslighting, Mansplaining, Maninterrupting, Bropropriating... Você conhece?* Annelise Gripp. Publicado em 06 dez. 2018. Disponível em: <<https://annelisegripp.com.br/gaslighting-mansplaining-maninterrupting-bropriating/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Atuais tendências da formação de palavras**. São Paulo. Editora Contexto, 2016.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MELISSA, Aionan. Coletivo Vermelhas. Publicado em 25 jul. 2015. Disponível em: <<https://coletivovermelhas.wordpress.com/2015/07/25/voce-sabe-o-que-e-slut-shaming/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

MICHAELLIS. Dicionário Michaelis, 2019. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 27 nov. 2019

PAULA, Joy de. Arteref. Qual a diferença entre femismo e feminismo? Publicado em 08 mar. 2019. Disponível em: <<https://arteref.com/feminismo/qual-a-diferenca-entre-feminismo-e-femismo/>>. Acesso em 27 nov. 19.

PEREIRA, Bárbara. Vocabulário Feminista: conheça dez termos importantes para o movimento. Estadão. São Paulo. Publicado em 30 mai. 2019. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,vocabulario-feminista-conheca-dez-terminos-importantes-para-o-movimento,70002805322>>. Acesso em 27 nov. 2019.

SILVESTRE, Márcio. Cariri Revista. Publicado em 03 mai. 2019. Disponível em: <<https://caririrevista.com.br/nem-feminino-nem-masculino-o-que-e-nao-ter-genero-binario/>> Acesso em 27 nov. 2019.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Editora Cultrix. 2008.

SOUZA, Mariana de Freitas E. O que é interseccionalidade? Justificando. Publicado em 01 jul 2019. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2019/07/01/o-que-e-interseccionalidade/>>. Acesso em 27 nov. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.